



**ENAN
PUR 2023**
Belém 22 a 26 de maio



Educação Ancestral Contemporânea: Espaço Educativo e Comunitário Xucuru-Kariri de Alagoas

Bianca Naylor Rezende

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Sessão Temática 13: Identidade e territórios: adaptação e resiliência

O presente trabalho se atém a uma prática mista de articulação de compreensão ancestral familiar concomitante à Pandemia do COVID-19 e o exercício da retomada, através da coletividade em processos participativos realizados remotamente na construção de um futuro possível no atual contexto climático-político, no qual as mais diversas crises atravessam a possibilidade de sobrevivência em comunidades tradicionais.

Debate-se a prática coletiva a partir de demandas reais locais do território em questão entendendo a arquitetura feita com as mãos e pisando suavemente sobre o chão (KRENAK), como uma janela para o estabelecimento de uma infraestrutura positiva que seja específica para o Território Xucuru-Kariri na cidade de Palmeira dos Índios em Alagoas, de modo a entrelaçar a partir do conhecimento local tradicional, diretrizes para alavancar com ferramentas digitais essas ideias de forma a colocá-las em prática através do coletivo.

Através do diálogo com as lideranças da aldeia e com base nas demandas educacionais a nível construtivo, trabalhou-se sobre um território-maquete, sobre o qual movimentações em uma escala reduzida, traduziram em soluções construtivas e ocupacionais do território, mesmo em face à pandemia do coronavírus e a impossibilidade de deslocamento. Debruçou-se sobre essa janela de possibilidades para si, em uma necessidade local de urgência.

Palavras Chave: Educação Indígena; Lo-TEK; Xucuru-Kariri; Resistência; Participatividade.

Contemporary Ancestral Education: Educational and Community Space Xucuru-Kariri de Alagoas.

The present work is a mixed practice that articulates ancestral family knowlege parallel to the COVID-19 Pandemic and the exercise of rescuing memory, through the collective participatory processes carried out remotely, for the construction of a possible future in the current climatic-political context, in the which the most diverse crises intersect the possibility of survival in traditional communities.

The collective practice is debated based on actual local demands of the territory in question, understanding the architecture made with hands and stepping gently on the ground (KRENAK), as a window for the establishment of a positive infrastructure that is specific to the Xucuru-Kariri Territory in the city of Palmeira dos Índios in Alagoas, in order to intertwine from traditional local knowledge, guidelines to leverage these ideas with digital tools in order to put them into practice through the collective.

Through dialogue with the village leaders and based on educational demands at a constructive level, a scale model of the territory was shipped and worked on, which movements on this reduced scale translated into constructive and occupational solutions for the territory, even during the pandemic of the coronavirus and the impossibility of displacement. This is a window of open possibilities for oneself, in a local need of urgency.

Keywords: Indigenous Education; Lo-TEK; Xucuru-Kariri; Resistance; Participation.

Educación Ancestral Contemporânea: Espacio Educativo y Comunitario Xucuru-Kariri de Alagoas

El presente trabajo se adhiere a una práctica mixta de articulación del entendimiento familiar ancestral concomitante con la Pandemia del COVID-19 y el ejercicio del rescate, a través del colectivo en procesos participativos realizados a distancia en la construcción de un futuro posible en el actual contexto climático-político, en el que las más diversas crisis atraviesan la posibilidad de supervivencia en las comunidades tradicionales.

Se debate la práctica colectiva a partir de demandas locales reales del territorio en cuestión, entendiendo la arquitectura hecha con manos y pisando suavemente el suelo (KRENAK), como una ventana para el establecimiento de una infraestructura positiva y propia del Territorio Xukuru - Kariri en la ciudad de Palmeira dos Índios en Alagoas, con el fin de entrelazar a partir de los saberes locales tradicionales, pautas para aprovechar estas ideas con herramientas digitales para ponerlas en práctica a través del colectivo.

A través del diálogo con los líderes de las aldeas y a partir de demandas educativas a nivel constructivo, se trabajó un territorio modelo, en el que movimientos a escala reducida se tradujeron en soluciones constructivas y ocupacionales para el territorio, aún frente a la pandemia del coronavirus y la imposibilidad de desplazamiento. Se inclinó sobre esta ventana de posibilidades para sí mismo, en una necesidad local de urgencia.

Palabras clave: Educación Indígena; Lo-TEK; Xucuru-Kariri; Resistencia; Participación.

1. Introdução



FIGURA 1. *O presente está cheio de passado*, 2020. Caneta hidrográfica sobre papel pardo. Arte Ana Bia Silva uso autorizado pela artista.

Essa arte da A.NABYA evoca a importância do passado nos dias hoje mostrando o ancestral do milho o Teosinto e milho, existe simbiose entre o que um dia foi e o que temos ou teremos no futuro, tudo depende das condições que pindorama tem, e a capacidade que a humanidade se coloca para ouvi-la e aqueles que sempre fizeram foi ouvi-la.

O antropoceno se embebe de uma mitologia da tecnologia. Progresso sobre as custas das riquezas da terra ao longo dos últimos 40 anos, nos custou 60% da biodiversidade do mundo (WATSON, 2019). Trabalhos em práticas em Lo-TEK se fazem compreender algo que nunca se perdeu, o entendimento de que retomar é se fazer saber o que sempre esteve lá e é direito dos povos indígenas e seus territórios em suas mais diversas realidades.

O conceito da prática Lo-TEK consiste em tradições “ecológicas” de conhecimento, explorando a interseção do design e indigenismo radical. O termo foi cunhado por uma professora da nação Cherokee no norte do continente americano, Eva Marie Garoutte, em Princeton. Essa filosofia discute a reconstrução, que no contexto múltiplo de Pindorama chama-se **retomada**, do conhecimento e repassagem de filosofias indígenas que sempre geraram diálogos ricos e cheios de preocupação em pisar suavemente no chão e estabelecer relações no design para

gerar infraestruturas climático-resilientes, nos moldes que a nação branca chama de “sustentáveis” (KRENAK, WATSON).



FIGURA 2. Foto de uma das casas da Aldeia Serra do Amaro TI Xucuru-Kariri - foto cedida por Larissa Ferro Balbino, pedagoga Xucuru-Kariri

O trabalho em questão coloca em prática o exercício de projeto participativo de forma remota na construção de um futuro possível no atual contexto climático e político, no qual as mais diversas crises atravessam a possibilidade de melhorias em comunidades tradicionais, além disso debate sobre como a prática coletiva da arquitetura pode funcionar como uma janela para o estabelecimento de uma infraestrutura positiva que seja específica para a Aldeia Serra do Amaro - Território Xucuru-Kariri, de modo a usufruir do conhecimento local tradicional para construir melhorias Lo-TEK de baixo custo e seguindo essas diretrizes para alavancar através de ferramentas digitais essas ideias de forma a colocá-las em prática através da coletividade.



FIGURA 3. Foto cedida pela comunidade da aldeia Serra do Amaro, lateral da escola e casa de Jussiara, moradora do território.

Ao aprofundar sobre o desenvolvimento do trabalho, e análise de metodologia e diálogo com as lideranças da aldeia, se compreendeu a necessidade de uma prática mais manual e participativa

com relação às formas operacionais sobre o mesmo, tendo em vista as múltiplas violências sofridas pelo próprio território e os seus por parte inclusive do governo local.

Pensou-se, em conjunto, em uma prática participativa que funcionasse mesmo em face à pandemia do coronavírus e a impossibilidade de deslocamento para dentro do território em um momento tão delicado e perigoso em relação ao COVID-19 no qual os números de infecção ainda estão bem altos e as perdas alcançaram números estratosféricos.

2. Processos de Aproximação

Pontos do Processo	Cenário
Cenário Político (JAN-2021 – DEZ-2022)	O Brasil tem o maior número de indígenas assassinados em 25 anos, de acordo com o relatório de 2021 da CIMI. Além disso a violência e os conflitos territoriais, em relação ao ano de 2019 aumentou 174%. Os anos de governo Bolsonaro foram extremamente duros para os povos indígenas no Brasil, seja com a PEC 215, PL490, o Marco Temporal e medidas outras avassaladoramente invasivas e exterminatórias.
Motivação Pessoal (INÍCIO OUT-2020)	O Projeto de pesquisa se desenvolveu revolvendo a cidade natal da minha família - Palmeira dos Índios e a questão das retomadas identitárias no Nordeste, principalmente o que tange os territórios indígenas e suas reivindicações por melhorias em seus territórios a partir de tecnologias locais.
Contato (JAN-2021)	Os contatos se perpetuaram durante todo o percurso do trabalho desde o início dialogando com lideranças indígenas nacionais como a Cris Pankararu , Telma Taurepang, Alice Pataxó e Sonia Guajajara até chegar em contatos com as lideranças Xucuru-Kariri de Palmeira dos Índios e entender as necessidades locais a partir da narrativa local.
Projeto (JAN-2021 – NOV-2021)	A partir do diálogo com as lideranças locais e continuação do processo de pesquisa conjunto, entendemos as necessidades da aldeia Serra do Amaro e retomamos conhecimentos contrutivos e desenvolveu-se em conjunto, processos de desenvolvimento de projeto a distancia e programas de necessidades.

Linha de desenvolvimento da pesquisa desenvolvido pelo autor.

Estabeleceu-se uma conversa com a direção da escola indígena da Aldeia para que possa ter uma prática que integre as crianças e os pais para ser desenvolvido em conjunto uma intervenção sobre um território-maquete no qual serão livres e manifestadas de acordo com os debates e conhecimentos sobre o território sejam traduzidos em movimentações em uma escala reduzida do mesmo, de forma a debruçarem sobre essa janela de possibilidades para si mesmos.

Com esse tema o objetivo principal é compreender as melhores ferramentas de contato de projeto coletivo com as comunidade Xucuru-Kariri de Alagoas de forma não invasiva e articular e somar a luta local com a reivindicação de necessidades básicas tais quais acesso à água potável, saneamento básico e descarte de lixo e como as práticas Lo-TEK pode ser protagonista para resolver essas questões.

No processo de aproximação com o tema de trabalho e pesquisa, muito foi conversado sobre como a comunidade resistiu e cedeu a algumas pressões governamentais e locais para se manter e obter melhorias no território e compreendeu-se muito da relação impositiva nessas trocas.



FIGURA 4. Foto cedida pela comunidade da aldeia Serra do Amaro de uma das salas de aula.

Nessa prática, pode-se realizar o caminho contrário, uma aproximação que compreende e respeita a relação de troca com cada uma das pessoas da comunidade e as lideranças locais e a partir dela entender as necessidades e como eles gostariam de resolvê-las, a partir disso embasando a atividade projetual necessária através de assistência técnica para colocá-las em ação da melhor forma possível a partir de conhecimento local e tradicional.

2.1 O Território

TERRITÓRIO XUCURU-KARIRI

SERRA DO AMARÃO
ÁREA: 16,1077

MATA DA CAFURNA
ÁREA: 10,2762

SERRA DO COITÉ
ÁREA: 15,00377

FAZENDA CANTO
ÁREA: 2675206

SERRA DO CAPELA
ÁREA: 340,2646

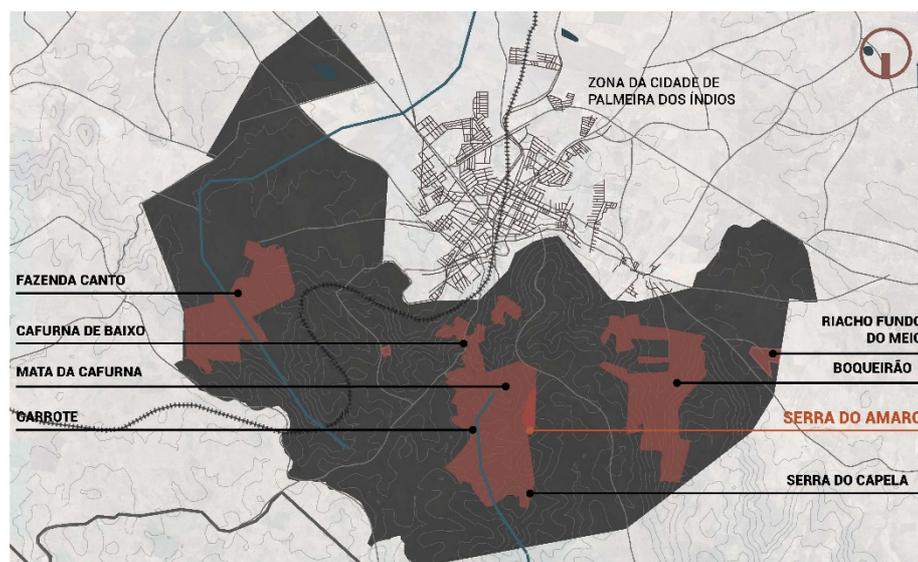


FIGURA 5. Mapeamento territorial realizado pelo autor.

O território Xukuru-Kariri é constituído de 10 aldeias: Serra do Capela, Aldeia Mata da Cafurna, Fazenda Canto, Boqueirão, Cafurna de Baixo, Serra do Coité, Riacho Fundo, Aldeia Monte Alegre, Fazenda Jarra, Serra do Amaro. Apenas as Aldeias da Fazenda Canto e Mata da Cafurna são consideradas reservas, enquanto as demais se encontram declaradas.

2.2 Aldeia Serra do Amaro



FIGURA 6. Mapeamento territorial da Aldeia Serra do Amaro realizado pelo autor.

A Aldeia Serra do Amaro, o estudo de caso em questão, possui proximidade com a Aldeia Mata da Cafurna, base da retomada dos territórios pelos indígenas na região no ano de 1979 (DA SILVA). Até então, eles se encontravam divididos entre a cidade de Palmeira dos Índios (cidade e município) e na Fazenda Canto, a primeira aldeia Xucuru-Kariri demarcada em 1952, após o surgimento do SPI - Serviço de Proteção ao Índio, em 1920, quando os indígenas da região voltam a ter voz (LOPES).

As famílias abrigadas na aldeia ao lado tiveram o território estabelecido entre os anos de 2003 e 2000, segundo o cacique, conseguido pela família Balbino. Anterior a isso os indígenas viveram por mais de 20 anos, na Aldeia da Mata da Cafurna.

Nos dias de hoje, lá habitam cerca de 22 famílias e o território é composto por vegetação nativa Atlântica, a qual resiste dentro da área demarcada, pois mostra os limites muito claros entre a aldeia e as áreas degradadas pela criação de gado e a plantação de hortaliças ao oeste.

A Aldeia Serra do Amaro, é uma das menores e se encontra em área fronteira, com tensões territoriais. Nela, há uma pequena escola fundada em 2005, pelos próprios moradores que queriam incentivar a educação na sua aldeia.

Além destas aldeias, havia um grupo de Xucurus-Kariri na Bahia, que após incessantes conflitos com posseiros, foram transferidos para Caldas Novas em Minas Gerais, perdendo suas terras. Encontramos, ainda, dois grupos dissidentes que habitam fora desse território, que se denominavam Xucuru-Palmeira e Pankaxuri.

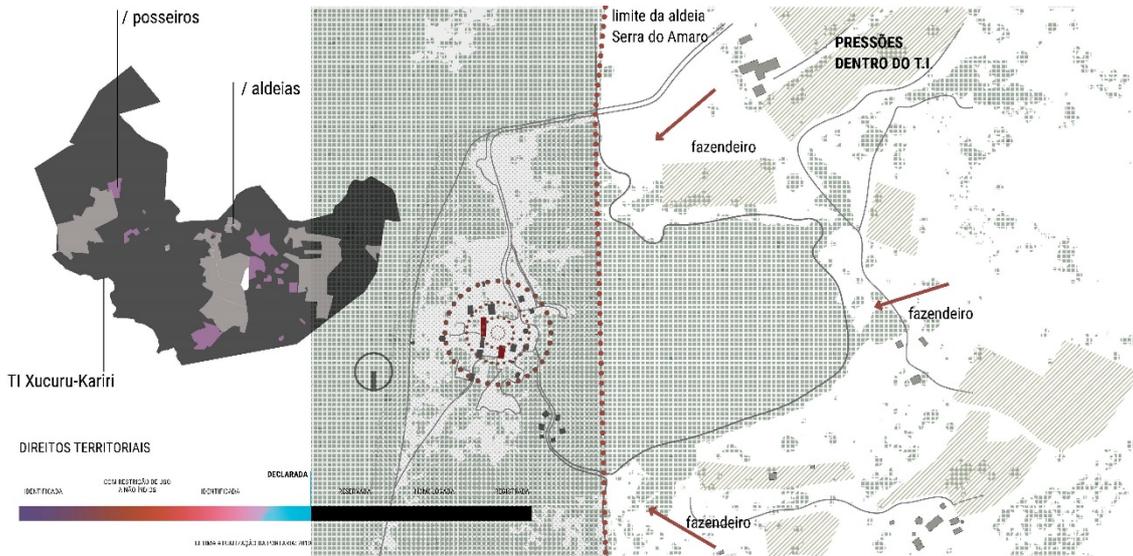


FIGURA 7. Mapeamento territorial da Aldeia Serra do Amaro e TI. realizado pelo autor.

Da mesma forma, além disso, a relação territorial, na escala Macro do território e em consonância com a tese de Cassio Junior Xucuru-Kariri (2020), é possível observar a análise feita pelo grupo técnico da FUNAI no território em 2019 e visualizar em mapa a relação dos posseiros no território Xucuru-Kariri como um todo. Estima-se que existam 450 posseiros na região, e dos 39 que foram vistoriados representam apenas uma pequena parcela.

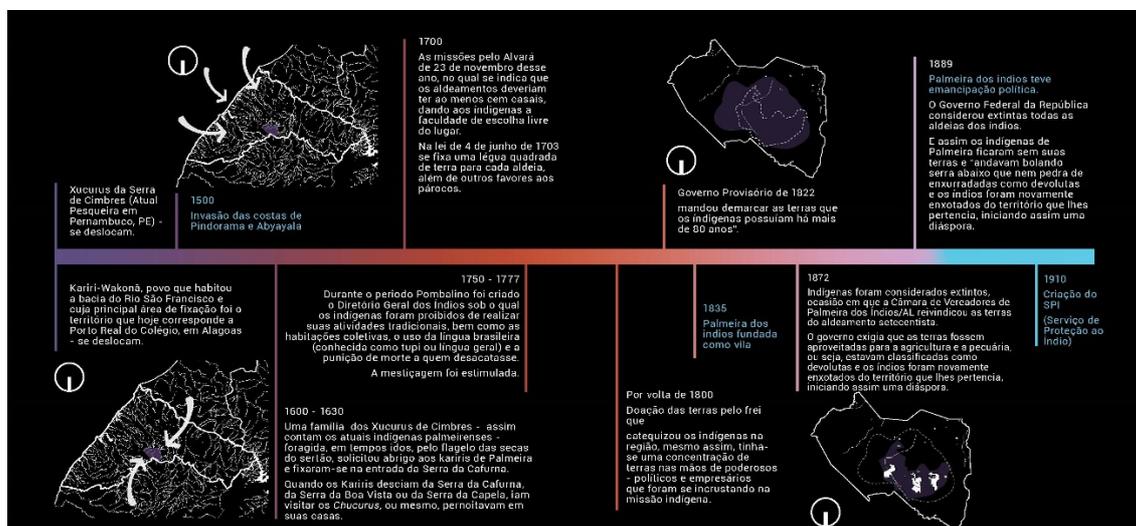
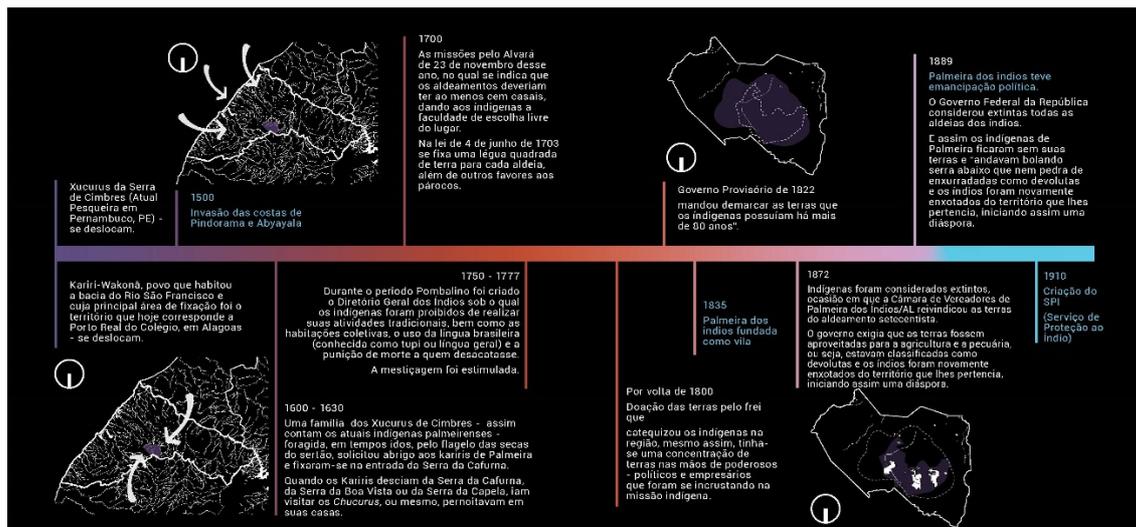


FIGURA 8 e 9. Linha do tempo do território realizado pelo autor.

3. Relação da Educação Indígena

As nações originárias manifestam, nos dias de hoje, resistência à assimilação expressa na preservação e reelaboração de seus patrimônios culturais, na luta pela regularização de seus territórios tradicionais e por uma educação escolar específica indígena, intercultural e de boa qualidade e comunitária, como indicado no estudo *Escolas Indígenas e Políticas no Nordeste Brasileiro*.

A maioria das escolas indígenas no Nordeste apresenta uma estrutura física igual ao modelo das escolas rurais. Um padrão herdado do passado colonizador, que não possui relação com as especificidades de cada povo. Atualmente, a educação nessa região é organizada a partir dos novos parâmetros, que os próprios indígenas buscam e pesquisam enquanto coletivo, de forma a se adequar ao plano pedagógico de cada povo ao seu referencial.

Os próprios indígenas vêm introduzindo diferentes dinâmicas pedagógicas com base no acúmulo de experiências educacionais inovadoras aprendidas tanto em suas formações acadêmicas (as quais ao longo do tempo foram se tornando novos espaços ocupados), como também, experiências ancestrais e trocas entre os parentes, sendo hoje capazes de concretizar a reafirmação da sua identidade e da sua autonomia.

“O ocidente derrama milhares de ideias sobre si em uma potência incomparável de se reproduzir e essa nebulosidade que bloqueia o céu que paira sob as nuvens impede os seres que são atravessados por essas dinâmicas serem tocados pelas estrelas que seriam evocadas aqui - alimenta a percepção de mundo das pessoas que escapam alguma maneira a esse domínio da ideia de uma terra - o que é essa gaia, Hutukara, Pachamama, Pindorama - como filhos que não conheceram os pais, sabemos o nome mas não sabemos o volume que eles têm, não sentimos sua força sobre nós”

Ailton Krenak

3.1 Dados sobre educação indígena no Brasil



FIGURA 10. Dados da educação indígena no país com base no censo de 2020, gráfico realizado pelo autor.

A partir dessa análise referente a situação territorial, educacional e política do território em questão, a análise de dados referentes às escolas indígenas se fez importante, os dados são alarmantes.

Para além dessas relações, é importante entender que a educação escolar indígena abrange não só o espaço institucional “escola” mas sim todo o território.

Uma das maiores reivindicações em alguns territórios são formas de implementação de saneamento básico e acesso à água potável.

Além disso, a questão do acesso a internet para acesso e divulgação de notícias de interesse das comunidades é uma pauta super importante.

Devido a negligência governamental ao longo dos anos, as soluções para problemas como esses surgiram de inspiração e cunho LO-TEK

3.2 Estudo de caso de escolas originarias com base no estudo Espaços Escolares Indígenas no Brasil

Escola Djekupe Amba Arandu na Aldeia do Jaraguá - SP – Brasil



FIGURA 11. Escola Djekupe Amba Arandu na Aldeia do Jaraguá - SP – Brasil. Imagem de Fernando Stanakus

Observando a análise feita sobre o processo participativo da construção da escola indígena Escola Djekupe Amba Arandu na Aldeia do Jaraguá, construída para a nação Guarani em São Paulo sendo finalizada no ano de 2001. Fernando Figueiredo (2005) conta que as práticas do poder público não possuem processo participativo, os indígenas Guarani que se beneficiaram do projeto também contam que normalmente é assim.

Importante ressaltar o “partido arquitetônico” se baseia em estilo Guarani e material Juruá (branco), segundo Figueiredo, sendo a instituição em si um elemento Juruá e seu direito resultado de muita luta, recebeu materiais mais duradouros que uma opy que tradicionalmente se constrói novamente a cada 6 anos também fruto contemporâneo da necessidade por reservas demarcadas (para sobrevivência) e não mais de todo um território livre.

O projeto participativo teve uso de maquetes e desenhos tanto em papel como no chão para entendimento de proporções e escolha dos materiais.

Válido notar que a relação do projeto aqui em estágio inicial, é apenas uma primeira fase em regime remoto de participação, tendo ciência da importância do estar junto para formalizar sua essência construtiva.

EEIEF Manoel Soares na Jamã Tÿ Tãnh - Estrela - RS – Brasil



FIGURA 12. EEIEF Manoel Soares na Jamã Tÿ Tãnh - Estrela - RS – Brasil. Imagem acessada através do portal Ecoamazonia.

Para a população Kaingang o desenvolvimento da Escola EEIEF Manoel Soares, construída em 2016 existia uma necessidade que a escola tivesse uma formação completa para as crianças e adolescentes da comunidade, na que pudessem concluir o ensino médio dentro da aldeia. Isso porque o índice de abandono dos estudos, a partir da 6ª série, tornou-se alto, identificando que nesta etapa escolar as crianças devem concluir os estudos fora da aldeia.

A cacica a época frisou a importância do projeto evocar as sensações do método construtivo local, as casa de madeira, de barro, chão batido e telhado de capim e que estivesse ligada ao chão e tivesse mais que dois pavimentos.

Argumentou-se também a importância da escola ser feita em dois blocos para separar os dois tipos de educação: o espaço físico para a educação branca teria classes normais e com piso de madeira, enquanto que a educação indígena poderia ser em chão-batido, mais solta, onde o professor pudesse ensinar a fazer um fogo de chão, a usar o pilão, fazer as danças típicas, entre outras coisas.

Existe grande relevância no desenho específico, pois, como argumentado inicialmente, cada contexto é único, e a arquitetura escolar pode expressar desejos e necessidades relacionadas com o processo educativo que acontece no contexto de cada comunidade indígena. Com esses exemplos, além de ilustrar a diversidade de possibilidades para atender às comunidades indígenas por meio de um desenho específico, vão sendo pontuadas as diferentes condicionantes do processo de projeto, construção, uso e apropriação das escolas.

Experiencia Internacional - Escola Primária de Gando - Burkina Faso



FIGURA 13. Escola Primária de Gando - Burkina Faso. Foto de Erik Jan.

Com base no exemplo da Escola Primária de Gando, o arquiteto buquinabê Francis Keré aplicou uma metodologia local e aperfeiçoou o material existente na região, utilizando ao mesmo tempo uma técnica antiga dos tijolos de adobe para desenvolver em conjunto com a população local, um espaço contemporâneo à época no qual foi construído, com um alto conforto térmico.

A concepção do projeto se deu enquanto Keré ainda era estudante de arquitetura em Berlim, e fundou a associação Schulbausteine für Gando (tijolos para uma escola em Gando), a fim de arrecadar fundos para o centro educacional. Com o apoio da Locomat, uma agência do governo do próprio país e do esforço de toda uma comunidade foi capaz de construir sua escola.

Foi construída em estreita colaboração com membros da comunidade de Gando, o edifício se converteu num marco importante de identificação na região. Dado que a qualidade do material e a expressão arquitetônica do edifício se converteu num símbolo tão forte para a comunidade em si, a ampliação foi desenhada com os mesmos princípios e métodos. Assim como na escola primária, a extensão também foi construída com blocos de terra comprimida feitos à mão.

A escola em Gando, enquanto uma experiência internacional representa uma janela para um futuro possível.

FNDE E A EXECUÇÃO DOS PROJETOS-MODELO



FIGURA 14. Tipologia de escola rural – modelo FNDE – FONTE: FNDE

“Se opondo a complexidade e profundidade almejada de que o espaço escolar abranja as especificidades culturais, há os projetos-padrão, os quais,

desconsiderando a legislação referente aos direitos indígenas, reproduzem a mesma solução arquitetônica em diferentes contextos culturais, ambientais e climáticos. Atualmente, encontram-se ainda projetos-padrão do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), com indicação para inserção em comunidades indígenas

[...]

Ainda assim, entendendo que a implementação de tais projetos representam um grande avanço em direção à qualidade da educação indígena frente à precariedade dos espaços existentes, cabe questionar o seguinte: como é possível considerar que uma arquitetura idêntica aplicada a várias etnias indígenas seja capaz de contemplar a diversidade ou, mais a fundo, as especificidades culturais e o contexto geral em que se inserem?”

Espaços Escolares Indígenas no Brasil: políticas, ações e atores envolvidos

3.3 Território Xucuru Kariri e sua relação com as escolas



FIGURA 15. Tipologia de escola rural na Aldeia da Mata da Kafurna – modelo FNDE – FONTE: Alex Ricardo

Todas as aldeias possuem escola no padrão FNDE, menos a Aldeia Serra do Amaro. Dentre todas elas, apenas a Mata da Cafurna, A Fazenda Canto e a Serra do Capela possuem ensino médio e tem as maiores salas.

Esse modelo de escola, compreendido por meio das conversas com os habitantes é entendido e visto como um modelo solidificado, com diretrizes e estruturas que reafirmariam a educação nesses territórios.

Sendo que, na realidade, o histórico educacional indígena se deu muito tempo antes dessas terminologias mesmo existirem, quando os Wakonã, os Xucuru e os Kariri se fizeram a anos atrás.

Cada pedaço de informação que se pode absorver e se perpetuar na retomada constituem o conhecimento e fazem parte hoje da educação indígena Xucuru-Kariri.

Hoje, a educação diferenciada indígena, pelo sistema do MEC inclui atividades locais incluindo conhecimento dos anciãos sobre as antigas histórias, os rituais e sobre medicina local tradicional e as ervas que são utilizadas.

4. Aldeia Serra do Amaro - (RE)Aproximcoes



FIGURA 16. Foto dos estudantes da Aldeia Serra do Amaro com o caminhão pipa ao fundo. Foto cedida por Jussiara.

A relação de aproximação com este tema se deu a partir de conversas familiares que buscavam resgatar as memórias de minha família, sua origem e seu caminho de Palmeira dos Índios até o Rio de Janeiro, passando por nomes que se perderam e de antepassados distantes de origem indígena.

De acordo com Ailton Krenak, um sintoma da colonialidade, em milhares de famílias, que sofreram o processo de apagamento das suas identidades através do mecanismo da miscigenação, incentivada ao longo dos anos, que acaba por apagar a própria história.

A partir desse incentivo, contatos foram estabelecidos com indígenas das aldeias, para conversar sobre essas relações e a motivação pessoal de colaborar e de acrescentar.

Por sua vez, também, foi possível estabelecer contato com o grupo GPHIAL - Grupo de pesquisas da História Indígena de Alagoas, que apresenta uma vasta bibliografia elaborada pelos próprios indígenas, Xucuru-Kariri, Kariri-Xocó e muitos outros da região.

Em função da pandemia do COVID-19 todos os contatos foram realizados através de aplicativos e redes sociais. Todo o processo de desenvolvimento do trabalho, compreensão territorial e

conversa com as lideranças e anciãos, foi desenvolvido virtualmente o que possibilitou todos os processos.

O primeiro contato foi com Larissa, neta do cacique Alfredo Celestino, falecido grande guerreiro da Aldeia Serra do Amaro.

O segundo, com o Cacique Waciran que juntamente com Larissa apresentaram a aldeia de maneira virtual, me contaram sobre a historia local, apresentada anteriormente nesse mesmo caderno e contaram sobre os maiores problemas da região no que tange saneamento basico, acesso a água e internet e infra estrutura de um modo geral.

Dados expostos sobre infraestrutura e necessidade de implementação de espaços educacionais maiores e com melhor suporte, traçamos virtualmente atravez da Plataforma zoom um mapa no qual se pode apontar as localidades importantes na aldeia, espaços livres, moradores e os espaços institucionais da escola Indigena Balbino Ferreira, a escola local.



FIGURA 16. Foto de Maninha Xucuru-Kariri, grande liderança local em uma assembleia. Foto cedida pelo Museu da Cidade de Palemeira dos Indios.

Compreendeu-se também, as violencias territoriais historicas, referentes a ocupação e sobre método construtivo preponderante.

Hoje a maioria das casas são feitas de alvenaria, construídas pelo governo, em função de uma ação governamental em luta contra o Barbeiro, que era predominante em casas feitas de Taipa (método construtivo local).

Resistem, em face a essa visão higienista do governo, apenas duas casas de taipa de mão no território. Também é sabido que existem métodos que podem impermeabilizar essa argamassa natural que tanto repelem o barbeiro como são impermeabilizantes e resistem ao tempo.

5. A Escola Hoje



FIGURA 17. Foto dos alunos do território chegando ao bloco atual da escola. Foto cedida por Larissa Ferro.

A escola estadual indígena Balbino Ferreira oferece apenas o ensino básico, fundamental e EJA no período noturno, oferece serviços para os moradores da aldeia e pessoas que moram no vilarejo ao lado.

Conta com uma equipe de professoras indígenas e não indígenas, assim como os alunos que são na maioria indígenas da região. Atendem hoje 112 ALUNOS nesse ano de 2021. A escola possui duas salas pequenas, que são usadas pelo ensino fundamental e EJA juntamente a uma sala a mais improvisada ao lado da escola. O ensino básico funciona em uma casa cedida por um dos moradores.

Os professores possuem uma pequena copa e a escola conta com dois banheiros, os únicos que possuem saneamento básico em toda a aldeia. O pequeno laboratório de informática se encontra desativado devido à falta de manutenção nos computadores e instabilidade elétrica.

Nesses tempos de Pandemia os professores estão se desdobrando para fornecer o material para todos esses alunos, se revezam para mandar o material deles através de moto subindo e descendo a serra, até mesmo os não indígenas - seguindo todos os protocolos de distanciamento social, mesmo na falta de internet, computadores e celulares nas residências, os professores fazem dar certo.

“Tudo aqui nas aldeias é assim, a gente pede.. pede e pede e ninguém faz muito por nós, no imprevisto fazemos funcionar” - conta o cacique Waciran

A mais de dois anos a Aldeia solicita e clama por ser ouvida , pois os espaços são pequenos e não comportam as atividades como deveriam. As aulas ocorrem de maneira revezada sem a mínima estrutura.

“Uma coisa é ter aula em baixo do pé de cagaita todo dia e a outra é ter aula embaixo do pé de cagaita para realizar as atividades específicas do nosso povo de vez em quando” - conta Larissa pedagoga Xucuru-Kariri.

Debaixo dos pés se conta a história da nação Xucuru-Kariri e sua relação de retomada histórica com o seu território e entendendo como eles hoje, depois de tanta luta ainda não tem suas necessidades mais primordiais atendidas pelo estado.

5.1 Espaço das salas atual

Para melhor compreensão do espaço, foi requisitado um levantamento base da escola em si e os espaços das salas de aula. Alguns moradores, juntamente com professores e o Cacique prontamente atenderam esse pedido para que pudéssemos ter os desenhos de plantas e cortes da escola.

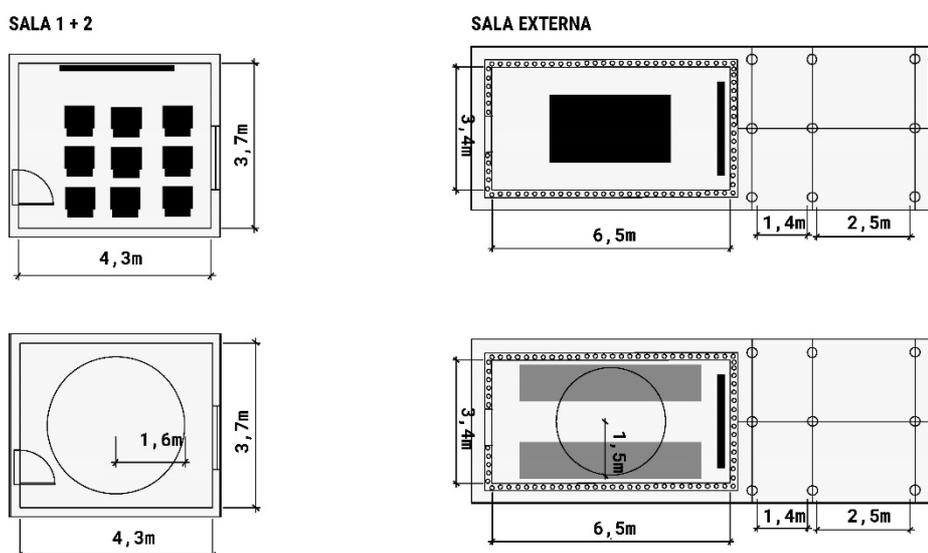


FIGURA 18. Planta baixa das salas nos dias atuais mostrando uma configuração retificada impossibilitando atividades em roda requisitadas. Medidas disponibilizadas pelo Cacique Waciran.

Levando em consideração a espacialidade das salas e a quantidade de alunos, além da intenção de se estender o espaço para uma pequena turma de ensino médio e uma biblioteca para a escola, se compreendeu que não seria o suficiente contar apenas com esses espaços pré-existentes e sim deveríamos expandi-lo.

Considerando, não apenas a ocupação em carteiras em fileiras, mas as diversas formas de ocupação em roda, já praticadas pela escola de forma livre - trazendo mais conforto nessa morfologia e liberdade espacial para possibilitar diversos usos e maneiras de lecionar.

5.2 Infraestrutura local

Uma das maiores questões, não apenas da escola, mas em toda aldeia, é a situação da falta de água na região.

O abastecimento é feito através de caminhões como os da foto ao lado para abastecer o poço da comunidade, o qual um dos vizinhos fazendeiros gera atrito impedindo a entrada de água na Aldeia, conforme relato dos moradores.

Além disso, o maior bloco da escola é o único que contém banheiro com encanamento de toda a aldeia.

O saneamento básico não é uma realidade, assim como O abastecimento de energia elétrica, que está no grid, é incrivelmente oscilante, o que acabou por contribuir com o mau funcionamento dos poucos computadores que haviam no pequeno laboratório de informática da escola.

A questão do descarte de lixo é manejada tradicionalmente com queima, todo o lixo é colocado em um buraco e então queimado, o que contribui para a emissão de alguns gases poluentes, hoje tratado com preocupação devido à problemática de preservação da floresta e a essas pressões territoriais.

5.3 Conhecimento local e tradicional

Devido a demolição das casas originais de Taipa que eram comumente construídas no território, apenas duas casas de taipa ainda resistem no local, ambas construídas sobre uma área do território onde o solo é mais argiloso e rico.

Ao longo do tempo alguns conhecimentos tradicionais foram se perdendo quase por completo como foi o caso da língua nativa, poucas palavras foram preservadas.



FIGURA 19. Foto de uma das duas últimas duas casas de taipa que resistem no território. Foto cedida por Larissa Ferro.

O mesmo aconteceu com o conhecimento medicinal das ervas locais, que gentilmente Dona Gileuza, filha do falecido Pajé, compartilhou durante o percurso desse trabalho e lembrou da importância de perpetuar esse conhecimento com os mais jovens, para que o conhecimento não se perca.

Dentre essas informações que se perderam, apenas o senhor Zé da aldeia Serra do Amaro detém hoje em dia esse conhecimento construtivo da taipa de mão, fizemos questão de nos contactar, por ser o único sem celular na aldeia, através dele, foi possível melhor compreender os materiais usados e as técnicas locais da Taipa de Mão.

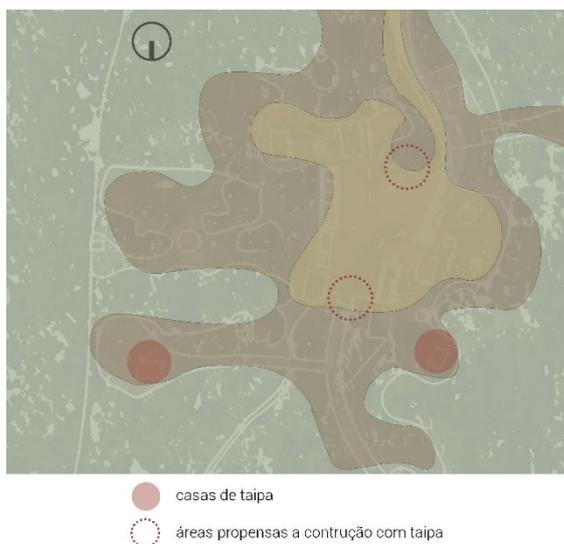


FIGURA 20. Mapa elaborado de acordo com os relatos referentes a consistência do solo a partir do centro do território. Elaborado pelo Autor.

A interseção territorial entre a parte que contém o solo pedregoso e a mata densa, contém a parte mais rica de todo o solo para sua utilização na construção. Onde o mesmo é mais argiloso.

Contudo, o solo que é o mais propenso a ser construído sobre, principalmente quando se trata de taipa, é próximo ao solo mais rígido, de pedra, por ser mais fácil realizar seu transporte.

Nesse relevante perímetro interno há biodiversidade e atividades de cultivos e criadouros pessoais ou comunitários, assim como pequenas plantações para uso medicinal local, segundo Dona Gileuza, filha do falecido Pajé, que na sua melhor idade, explicou sobre as ervas mais usadas e a importância delas para saúde da comunidade.

Durante todo o processo, buscou-se compreender ao máximo o método construtivo tradicional de taipa através de imagens que alguns dos parentes possuíam e também o conhecimento construtivo do seu Zé e anciãos.

É válido ressaltar que a implantação das construções que vemos hoje em dia, na aldeia não segue exatamente o padrão circular mais “tradicional” como observamos na Mata da Cafurna a aldeia “mãe” ao lado, mas sugere uma circunferência no método de ocupação, o qual na área escolhida, será tomado como partido projetual de modo a não intervir nessa visualização em círculo.

Um dado interessante trazido por Larissa é o fato das casas mais tradicionais de Taipa que foram demolidas pelo programa governamental, que visava a erradicação do Barbeiro, apresentavam a configuração ainda mais circular, segundo relatos.

Hoje em dia sabemos que esse discurso é mais um método de assimilação fantasiado de política pública beneficiária, também é possível que possa vir a existir do barbeiro em construções de alvenaria que não receberam o acabamento adequado.

O Resgate do uso da Taipa é desejado tanto como prática pedagógica da escola e dos anciãos como o seu Zé de forma a perpetuar o conhecimento tradicional, para que ele não se perca.

Outra questão relevante a se levar em consideração, é a flora local. Tanto para quesitos construtivos, quanto pelas suas propriedades medicinais locais.

De acordo com os relatos de Zé, Larissa e dona Gileuza, no território existem as seguintes espécies:

A materialidade do projeto se baseará nesse método construtivo da Taipa local e tradicional, a qual os Xucuru-Kariri muito usaram em suas construções e ao longo do tempo vem sendo substituída através de programas governamentais.

É importante ressaltar essa aplicação da taipa como, segundo eles, uma maneira de conectar o aluno, a partir dos primeiros anos, a essência de lugar que inspire a liberdade ocupacional a partir da ótica Xucuru-kariri, ligada ao modo de ser local. Assinalando que, existem técnicas que aplicam resistência a taipa de modo que com métodos atuais de impermeabilização permita a fácil manutenção da escola e que evite a presença do Barbeiro e outras problemáticas pertinentes do método construtivo.

Quando tratamos sobre a cobertura, o método usado antigamente consistia em fechamento de palha, mas hoje podemos observar que muitas casas que resistem e são de Taipa usufruem das telhas de cerâmica como materialidade que compõem o telhado. É um material muitíssimo barato, mas que requer cuidado na instalação, o que às vezes não ocorre na falta de mão de obra especializada, algumas casas, por esse motivo apresentam infiltrações.

Os apontamentos para a expansão da escola na Aldeia Serra do Amaro visam a integração com os valores de conexão com a terra. É de extrema importância que a escola possa usufruir por completo dos saberes locais, seja independente do estado na sua implementação, tenha autonomia de água e energia, possua melhor manejo dos resíduos, favoreça a conectividade e promova visibilidade nas questões locais, mantenha a relação ancestral com os espaços de convivência na sua implantação - entendendo a importância do espaço livre na Aldeia

6. Análise das Rugosidades

Se fez imprescindível realizar uma análise de Rugosidades locais, baseada nos estudos de Milton Santos para compreender e manusear com mais embasamento a conceituação de um primeiro protótipo desse espaço a abrigar a expansão da escola.

Os sistemas de objetos e sistemas de ações interagem. De um lado, sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, por outro lado, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. (SANTOS, 2006, p 39).

“El espacio no es un momento, no es un objeto, al contrario, es un proceso en sí mismo.” Como mecánicamente expone W. Benjamín, las acciones de modernización confrontan incisivamente las formas espaciales de tiempos pretéritos, las rugosidades” (SABINO, SIMOES 2013).

a) Rugosidade Cartográfica:

a ocupação no território atual se deu a uma série de violências e fugas, apesar de antigamente a nação Wakonã-Xucuru-Kariri era nômade.

b) Rugosidade Técnica:

manuseio da terra para construção das casas - da terra vem, para terra vai.

c) Rugosidade Sagrada:

ouricuri e amesca - plantas medicinais proximidade a montanha e realização dos rituais.

d) Rugosidade sígnica:

ocupação circular de forma a se ter um olhar para o outro - se ver é muito importante também para segurança.

De acordo com a coordenação da escola etambém como indicaram os desenhos dos alunos é importante e necessário aumentar os espaços das salas pois a disposição das aulas em rodas é muito desconfortável e ainda o revezamento entre as salas não facilita e além disso a separação dos séries de educação primária do ensino fundamneetal dificulta a interação como coletivo e é importante, em um cenário ideal explorar isso.

Através da análise de imagens e conversas com a dona Gileuza, o Cacique e as Professoras da escola, se construiu essa metodologia remota de participação projetual usando desenhos ,em um primeiro momento ,no semestre anterior e no atual, contamos com uma intervenção sobre maquete e análise virtual dos espaços pensados usando a ferramenta fisica do google Labs o Google Cardbord (Óculos de Realidade Virtual de Baixo Custo), usufruindo dessas ferramentas para se chegar em um produto que a comunidade consiga facilmente intervir e visualizar suas intenções.

7. Diretrizes Projetuais



FIGURA 21. Esquema de diretrizes elaborado pelo autor.

Os apontamentos para a expansão da escola na Aldeia Serra do Amaro visam a integração com os valores de conexão com a terra. é de extrema importância que a escola possa usufruir por completo dos saberes locais, seja independente do estado na sua implementação, tenha autonomia de água e energia, possua melhor manejo dos resíduos, favoreça a conectividade e promova visibilidade nas questões locais, mantenha a relação ancestral com os espaços de convivência na sua implantação - entendendo a importância do espaço livre na Aldeia

De acordo com a coordenação da escola é importante aumentar os espaços das salas pois a disposição das aulas em rodas é muito desconfortável e ainda o revezamento entre as salas não facilita e além disso a separação dos blocos de educação primária dos mais velhos dificulta a interação como coletivo e é importante, em um cenário ideal explorar isso.

Na escola, nas aulas denominadas de cultura e história pelo programa pedagógico, existe uma necessidade trazer o lado de fora da sala de aula, para dentro da escola pois esta se torna as trilhas da mata e as hortas de chás e ervas da aldeia, para que os alunos aprendam o caminho dos ancestrais até o Ouricuri Xucuru-kariri e tenham entendimento do uso medicinal das ervas. Portanto, ter essas diretrizes e guias como caminho é importante ao estabelecer os possíveis desenhos de arquitetura da escola.

E para além disso, na própria escala da escola tenhamos espaços que permitam o elo com a terra e com o próximo, evocando a leitura de que ela nasce desse chão e do ato do conviver e que possibilite o pleno funcionamento da escola no seu próprio tempo e possa oferecer aos alunos, alunas, professores, aos pais e lideranças, os espaços para todas as atividades, desde um toré até as aulas sobre as plantas medicinais sob o pé de cagaita até a matemática e química .

Entre o atual e o ancestral, nos encontramos no meio, em roda, dialogando entre os cânticos e a academia, abrindo janelas para utopias possíveis.

8. Uma janela-resposta

A terra e o projeto estão intimamente ligados, tanto construtiva e espiritualmente, é entendido a importância da interlocução apresentada, como apenas um primeiro passo do processo da construção coletiva, compreendendo como uma primeira fase em regime remoto de participação, tendo ciência da importância do estar junto para formalizar a essência construtiva.

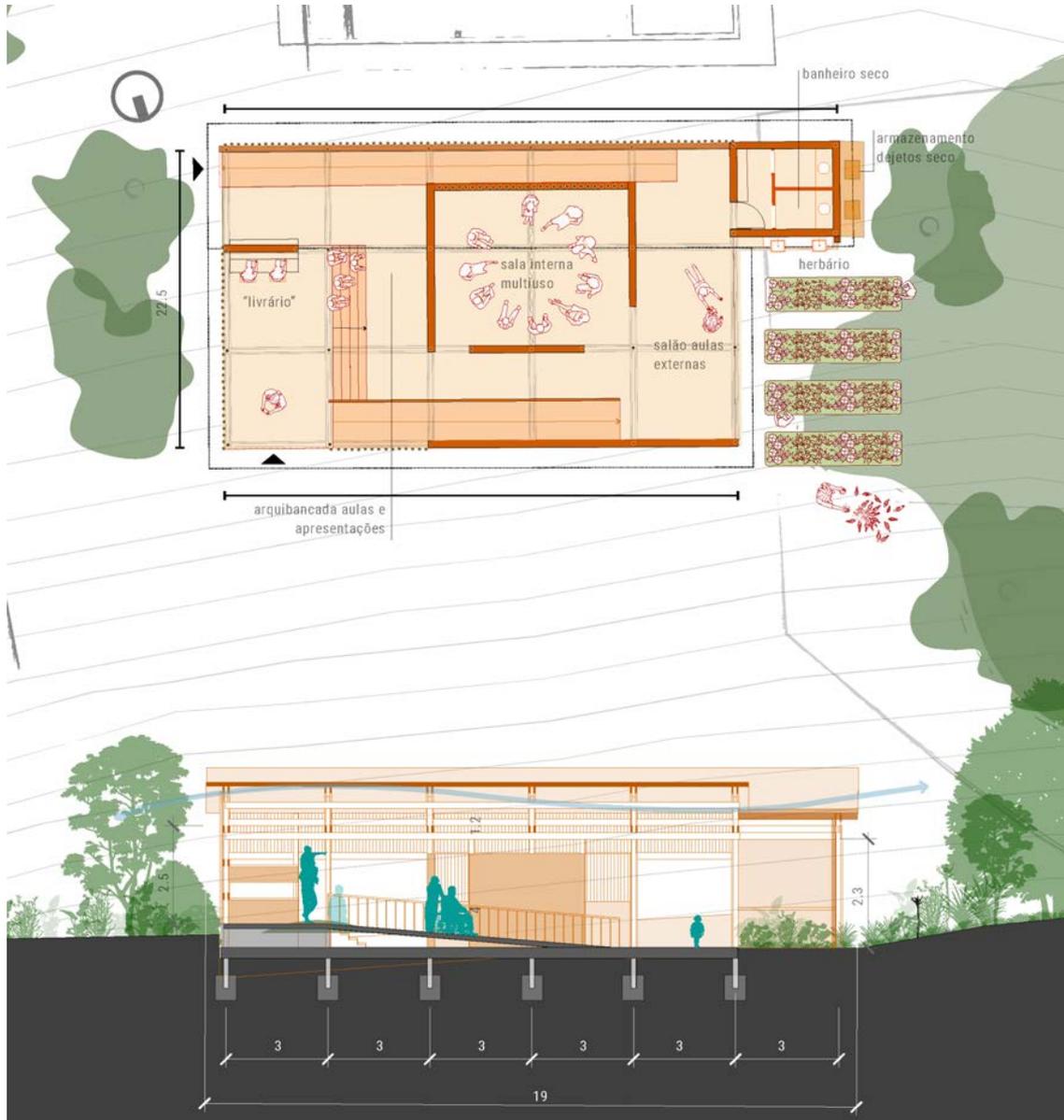


FIGURA 22. Planta e corte elaborados pelo autor.

Para o protótipo inicial aqui apresentado, usufruiu-se da região escolhida, próximo ao centro da aldeia para complementar a integração entre os dois blocos da escola da maneira mais eficaz no quesito circulação, possibilitando um acesso mais suave entre as curvas de nível.

Além de dar liberdade aos alunos e professores para ministrarem as aulas e atividades de forma mais livre, integrando até mesmo os passantes com as atividades.

A integração entre as séries da escola se fez importante tanto devido a integração entre as idades, quanto a melhoria da acessibilidade e um espaço que possa ser usufruído por crianças PCDs, como exemplo do aluno Jairan, que tem muita dificuldade em acessar o bloco de salas mais acima.



FIGURA 22. Imagem dos Alunos da escola cedida pelo cacique Waciran.

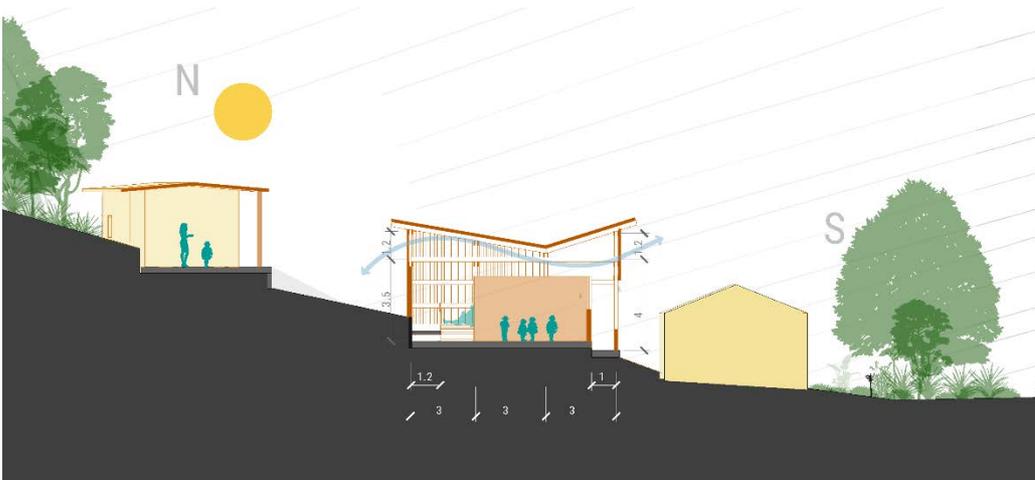


FIGURA 23. Corte elaborado pelo autor.

O projeto conta com a estrutura feita usando a madeira de eucalipto usada na região, a cobertura foi articulada de forma a melhor aproveitar aproveitamento da superfície de cobertura para a captação da água da chuva para reuso no lavatório e também no herbário comunitário na parte Leste da escola.

A modulação, conforme apresentado, segue a espacialidade da casa de taipa, utiliza-se da madeira para os contraventamentos e do bambu para a parte externa contando com o travamento dessa projeção, remetendo a sua utilização tradicional e permitindo a ventilação cruzada e entrada de luz.

Como primeiro prototipo o projeto visa um entendimento de integração no seu sentido pleno usando de ferramentas e metodologias locais e Lo-TEK atendendo a necessidades reais e espaciais da comunidade local, usufruindo de uma metodologia simples e trazendo tecnologias de baixo custo que podem ser implementadas de modo a amenizar as precariedades .

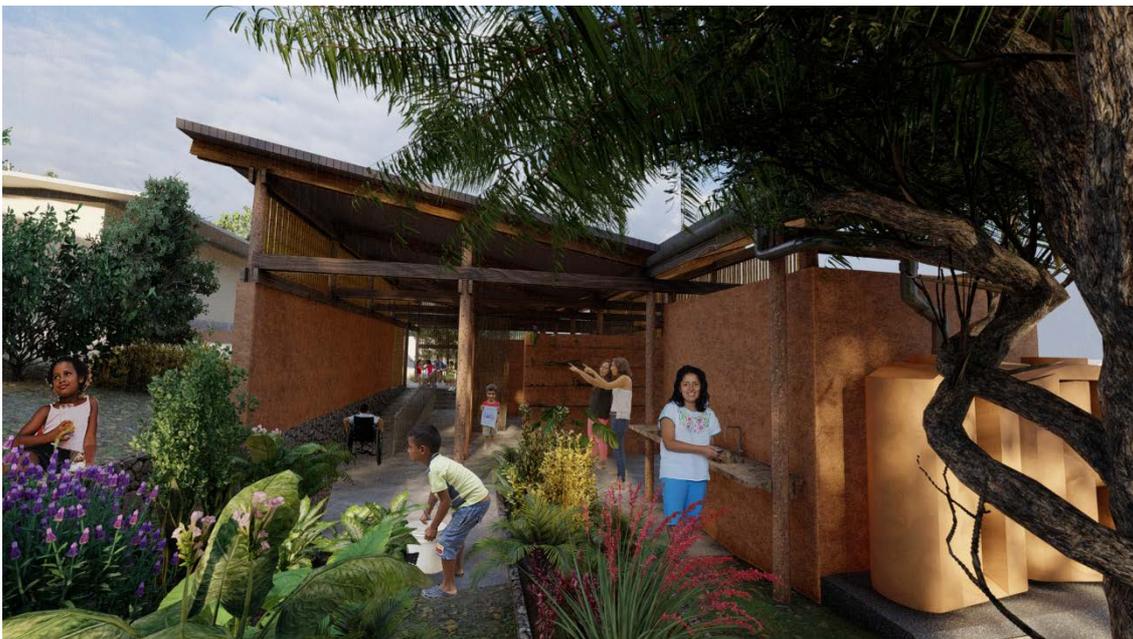


FIGURA 23. Render elaborado pelo autor.

Usando o programa como uma tela em branco de modo a devolver a terra, novas maneiras de recriar-la, sempre pisando suavemente sobre o chão que se está.

10. Referencias Bibliograficas

EDUCAÇÃO INDÍGENA com Kaká Werá em Diálogos 155. S.I. Publicado pelo canal Mau & Amigos, 2013. 1 vídeo (59min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sv1bGfUXQ4o&t=1652s>. Acesso em: 05 abr. 2021.

ESPIRAL dos Afetos - Ideias para adiar o fim do mundo. Realização de Leonardo Guelman. Coordenação de Wallace de Deus. Niterói: Centro de Artes Uff, 2020. 1 vídeo (167 min.), son., color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=NUhCKS_UezM&t=4815s. Acesso em: 10 abr. 2021.

TEKO Porã | Ipa theã oni: flecha para tocar o coração da sociedade não indígena, com Davi Kopenawa. Direção de João Velho. Niterói: Centro de Artes Uff, 2019. 1 vídeo (138 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lukSHuallBM>. Acesso em: 10 abr. 2021.

O QUE é preciso para melhorar a educação indígena? - Conexão - Canal Futura. Direção de Pierre Porto Bayot. Produção de Meriene Mazzei. Coordenação de Cristiano Reckziegel. S.I.: Conexão Futura, 2017. 1 vídeo (25 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NJleb4oR2kY&t=860s>. Acesso em: 24 fev. 2021.

COMO está a Educação Indígena? | Conexão. Direção de Pierre Porto Bayot. Produção de Ana Carolina Malvão. Coordenação de Cristiano Reckziegel. S.I.: Canal Futura, 2019. 1 vídeo (25 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DOmilSsNCpo&t=72s>. Acesso em: 05 abr. 2021.

RODA Viva | Ailton Krenak | 19/04/2021. Direção de Jean Camargo. Produção de Fernando Carvalho. Coordenação de Marília Assef. S.I.: Roda Viva, 2021. 1 vídeo (92 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BtpbCuPKTq4>. Acesso em: 19 abril 2021.

A última floresta. Direção de Luiz Bolognesi. São Paulo: Buriti Filmes, 2021. 1 DVD (74 min.), son., color.

DOCUMENTÁRIO da aldeia mãe serra do capela povo wakonã. Alagoas: Uneal - Alagoasa, 2015. (7 min.), son., color. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?extid=SEO----&v=1575729719355623>. Acesso em: 10 mar. 2021.

JUVENTUDE e a transição e transmissão de conhecimentos e lutas em duas conexões. S.l.: Apiboficial, 2021. 1 vídeo (117 min.), son., color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=k_c8E2lrjkU Juventude e a transição e transmissão de conhecimentos e lutas em duas conexões. Acesso em: 11 abr. 2021.

O TRUQUE Colonial que Produz, o Pardo, o Mestiço e outras categorias de Pobreza. Realização de Gt Indígena do Tribunal Popular; Tv Tamuya. S.l.: Tv Tamuya, 2021. 1 vídeo (82 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dvijNR9Nbgo>. Acesso em: 11 abr. 2021.

LUCIANO, Gersem dos Santos. O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: MEC/SECAD; LACED/Museu Nacional, 2006. 233p. (Coleção Educação Para Todos. Série Vias dos Saberes n. 1).

JECUPÉ, Kaká Werá. A terra dos mil povos: história indígena do brasil contada por um índio. 2. ed. Uberaba: Peirópolis, 2020. 130 p.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. S.l.: Companhia das Letras, 2015. 768 p.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. S.l.: Companhia das Letras, 2019. 64 p. KRENAK, Ailton. O amanhã não está à venda. S.l.: Companhia das Letras, 2020. 22 p. KRENAK, Ailton. A vida não é útil. S.l.: Companhia das Letras, 2020. 128 p.

SANTOS, Luan Moraes dos. Os Xukuru-Kariri e as elites: história, poder e conflito territorial em Palmeira dos Índios – AL (1979-2015). 2019. 129 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019.

ROCHA, A. S. da. Xukuru-Kariri: migrações indígenas para trabalho em Alagoas e no Sudeste do país (1952-1990). 2020. 190 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, Brasil, 2020.

SILVA, Cássio Júnio Ferreira da. “A luta por terras não traz diárias, somente perseguição”: processo demarcatório e retomadas Xukuru-Kariri em Palmeira dos Índios - AL. 2020. 117 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Ciências Sociais, Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2020.

QUARESMA, Francinete de Jesus Pantoja. FERREIRA, Marília de Nazaré de Oliveira. Os povos indígenas e a Educação. Revista Práticas de Linguagem, v. 3, n, 2, jul./dez de 2013.

FERREIRA, Luciete de Souza; SILVA, Iraci Nobre da. História da demarcação indígena em Alagoas: uma construção coletiva em contextos diferenciados. AL. 2015. 20 p. Artigo - Curso de licenciatura intercultural indígena em história, Universidade Estadual de Alagoas, Maceió, 2015.

Claudenice Soares de Queiroz; A legislação indigenista e a demarcação territorial Xukuru-Kariri, Fazenda Canto; ; 2015; Trabalho de Conclusão de Curso; (Graduação em Intercultural Indígena em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Alagoas; Orientador: José Adelson Lopes Peixoto;

Watson, Julia, Despina Linaraki, and Avery Robertson. “Lo-TEK: Underwater and Intertidal Nature-Based Technologies.” In *SeaCities*, pp. 59-105. Springer, Singapore, 2021.

MOREIRA, Ana Cristina de Lima; PEIXOTO, José Adelson Lopes; SILVA, Tiago Barbosa da. Mata da Cafurna - ouvir memória, contar história: tradição e cultura do povo Xucuru-kariri. 2 ed. Maceió: Catavento, 2010.

MELLO; Gabriela Saraiva de; Sebastián GERLIC. Memórias do movimento indígena no Nordeste: índios na visão do índio. Brasília: MEC, IBRAM, Pontos de memória, Thydewa, 2015.

DE OLIVEIRA, Ítalo Dennis; MURA, Claudia; MEINERZ, N. E.; SOUZA, J. A.; BATISTA, Mércia Rejane. “Tem que ser do nosso jeito, não do jeito deles!”: a educação escolar indígena entre os Xukuru-Kariri- AL. 2019. Dissertação (Mestrado em ANTROPOLOGIA SOCIAL) - Universidade Federal de Alagoas.

Viegas, M. E. F. da S. (2019). Terra Indígena Xukuru-Kariri: avanços e recuos. *Diversitas Journal*, 4(3), 848-867.

OLIVEIRA, João Pacheco de (org). 2011. A presença indígena no Nordeste: processos de territorialização, modos de reconhecimento e regimes de memória. Rio de Janeiro: Contra Capa. 714pp.

PEIXOTO, José Adelson Lopes. Memórias e imagens em confronto: os Xucuru-Kariri nos acervos de Luiz Torres e Lenoir Tibiriçá.. 2013. 140 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

AMORIM, Siloé Soares de. Reintegración de la Identidad Del Grupo Étnico Xucuru-Kariri. Tesis (licenciado em Antropologia Social) Escuela Nacional de Antropologia e História. México: D. F., 1996.

ANTUNES, Clóvis. Wakona - Kariri - Xukuru - Aspectos Sócio-Antropológicos dos Remanescentes Indígenas de Alagoas. Maceió: Facepe UFAL - ImprensaUniversitária, 1973.

BARROS, Ivan. Palmeira dos índios: terra e gente. Maceió: Academia Maceioense de Letras, 1969

AIRES, Max Maranhão Piorsky (Org.). Escolas indígenas e políticas interculturais no nordeste brasileiro. Fortaleza: EdUECE, 2009.]

BENSUSAN, Nurit. DE PÉ, COM UM FÓSFORO NA MÃO, NA FRENTE DA BIBLIOTECA DE ALEXANDRIA... ACESSO EM <https://www.socioambiental.org/pt-br/blog/blog-do-isa/de-pe-com-um-fosforo-na-mao-na-frente-da-biblioteca-de-alexandria?utm_source=isa&utm_medium=site&utm_campaign=Conhecimentos+tradicionais> ACESSADO EM 18/06/2021.